19:49 77%

NA WEB
DE OLHO EM MOSCOU
Países Bálticos farão linha antitanque
Acordo foi assinado contra ameaças militares da Rússia e da Bielorrússia
PARA ACESSAR APONTE O CELULAR PARA O QR CODE

FISSURAS NO TOPO EM ISRAEL

Divisões no Gabinete de guerra vêm à tona e põem em xeque Netanyahu e ofensiva em Gaza

JERUSALÉM

Após a guerra em Gaza passar dos cem dias, as divergência entre integrantes do governo de crise de Israel — convocado pelo premier Benjamin Netanyahu na tentativa de unificar a resposta do país após o ataque terrorista do Hamas de 7 de outubro — começaram a vir a público. Sinais partindo de membros do Gabinete e da oposição apontam para um desgaste acentuado na cúpula israelense, indicando um possível rompimento diante da incapacidade da operação militar em atingir os dois principais objetivos definidos no começo da guerra: a aniquilação do grupo fundamentalista islâmico palestino e o resgate dos reféns capturados por ele e seus aliados.

Em entrevista a um canal de TV na quinta-feira, o general Gadi Eisenkot, que atua como observador no Gabinete de guerra israelense, disse que Netanyahu tinha responsabilidade "nítida e clara" pelo fracasso do país em proteger seus cidadãos em 7 de outubro e ecoou a reivindicação da oposição por eleições antecipadas, pedindo que sejam convocadas nos próximos meses. Também declarou que o governo não era verdadeiro com a população sobre sua ofensiva contra o Hamas.

— Será necessário, dentro de alguns meses, realizar eleições e fazer com que o eleitor israelense volte às urnas para renovar a confiança porque, agora, não há confiança nenhuma — afirmou o centrista.

SEM COLETIVAS CONJUNTAS

Ele também afirmou que seria impossível resgatar os reféns com vida sem que um novo período de trégua fosse estabelecido — algo que vai de encontro à abordagem defendida pelo premier e integrantes da ala mais radical de seu governo, que repetidamente apontam que um cessar-fogo, mesmo temporário, beneficiaria o inimigo palestino.

— Devemos ter coragem de dizer que é impossível que os reféns retornem com vida sem um acordo, bem como uma significativa pausa nos combates — disse Eisenkot.

O depoimento do general reformado, ex-chefe do Estado-Maior, foi considerado simbólico por duas razões: a primeira porque ele e seu oposicionista partido de União Nacional, liderado por Benny Gantz, uniram-se à coalizão governista para atender ao pedido de união de Netanyahu. Seus comentários, portanto, poderiam indicar um cansaço por parte daqueles que, em um primeiro momento, mostraram-se abertos a superar diferenças e seguir um objetivo comum. Outro fator com peso adicional é o fato de Eisenkot ter perdido o próprio filho, de 25 anos, na guerra em Gaza.

Gantz e Netanyahu são membros com direito a voto no Gabinete de guerra, junto com Yoav Gallant, o ministro da Defesa do governista Likud, do premier. Aliado mais próximo de Netanyahu, o ministro de Assuntos Estratégicos, Ron Dermer, é outro observador.

Mas o grupo tem mostrado fissuras. Citando três pessoas próximas, o jornal Financial Times afirma que Netanyahu e Gallant mal se falam, e entrevistas coletivas conjuntas com os dois e Gantz, que ocorreram no primeiro mês de conflito, pararam.

Os dois já tinham tido divergências antes. Em abril do ano passado, Netanyahu destituiu brevemente Gallant, e depois o devolveu ao cargo, durante protestos em massa contra uma controversa reforma judicial, cuja principal disposição foi invalidada pela Suprema Corte no início deste ano. A relação entre Netanyahu e Gantz é esgarçada pela experiência de terem governado juntos em 2020. A coligação ruiu de forma amarga após que Netanyahu romper o acordo antes que Gantz pudesse sucedê-lo como premier.

PROTESTOS GANHAM CORPO

A deterioração nas relações cresce com o aumento da pressão popular à medida que a ofensiva continua, deixando mais de 24 mil palestinos mortos — segundo o Ministério da Saúde do Hamas — e os reféns não são resgatados. Em novembro, o Hamas libertou mais de 100 dos cerca de 240 reféns israelenses e estrangeiros sequestrados em outubro durante uma breve janela de paz mediada pelo Catar, que envolveu a soltura de presos palestinos sob custódia de Israel. Estima-se que 132 reféns permaneçam em Gaza, com cerca de 107 ainda vivos, segundo a rede americana CNN.

— Apenas uma pressão militar contínua levará à libertação [dos reféns] — disse Netanyahu na quinta-feira. — Interromper a guerra antes de alcançar nossos objetivos prejudicará a segurança de Israel por gerações.

Mas enquanto o governo insiste que apenas pela via militar os reféns voltarão para casa, protestos públicos ganham corpo, com familiares das vítimas questionando se a operação militar, longe de ajudar em seu retorno seguro para casa, os coloca em um risco maior.

— As pessoas estão morrendo em cativeiro, e queremos nossos entes queridos de volta e vivos, e a responsabilidade é apenas sua — disse ao governo Shir Siegel, cujo pai Keith é refém, em entrevista coletiva.

A popularidade do Likud e da maioria de sua coalizão caiu nas pesquisas desde o ataque do Hamas, e o Partido de União Nacional de Gantz agora lidera por ampla margem.

SEM PLANO DE PÓS-GUERRA

Outro ponto contencioso, segundo o Financial Times, é a falta de um plano para o pós-guerra em Gaza, apesar dos pedidos dos dos EUA, de governos árabes e do establishment de segurança israelense. Na avaliação de autoridades israelenses e americanas, as preocupações de política doméstica fazem com que Netanyahu evite discutir a questão. Gallant juntou-se às críticas, indiretamente chamando atenção do premier para sua "indecisão política".

A coalizão de extrema direita do premier rejeita qualquer papel para a Autoridade Nacional Palestina, que controla parte da Cisjordânia ocupada, em uma Gaza pós-guerra. Estados árabes trabalham em uma iniciativa para garantir um cessar-fogo e a libertação dos reféns em Gaza como parte de um plano mais amplo que poderia oferecer a Israel uma normalização de relações se o país concordar com passos "irreversíveis" para a criação de um Estado palestino.

Mas Netanyahu vetou a possibilidade na quinta, afirmando opor-se a um Estado palestino e que Israel manterá o "controle de segurança sobre todo o território" a oeste do Rio Jordão. *(Com New York Times)*

AHMAD GHARABLI/AFP/15-1-2024

Na mira dos protestos. Manifestante carrega cartazes contra o premier Netanyahu em ato pela libertação dos mais de cem reféns israelenses ainda em Gaza: governo de unidade dá sinais de desgaste

Um bebê nasce a cada 10 minutos no 'inferno' do enclave palestino

Funcionária do Unicef relata casos de cesarianas em mulheres mortas

GENEBRA

A cada dez minutos, um bebê nasce na Faixa de Gaza, informou o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), ontem. A agência denunciou que essas crianças têm vindo ao mundo em meio a condições "inconcebíveis" no enclave palestino, palco da guerra entre Israel e Hamas, iniciada no dia 7 de outubro. Desde então, em pouco mais de 100 dias de conflito, quase 20 mil crianças nasceram.

— Virar mãe deveria ser um momento de celebração. Em Gaza, é uma nova criança nascendo no inferno — afirmou a porta-voz da agência, Tess Ingram, aos jornalistas, em Genebra, por videoconferência. — Ver recém-nascidos sofrendo, enquanto algumas mães sangram, deveria tirar nosso sono.

Israel prometeu "aniquilar" o Hamas após o ataque do grupo terrorista contra seu território, em outubro. A agressão deixou 1,2 mil pessoas mortas, a maioria civis, e outras 250 foram levadas como reféns para Gaza, segundo as autoridades israelenses. Em resposta, o Estado judeu tem orquestrado uma ofensiva aérea e terrestre, que matou mais de 24 mil palestinos em Gaza, segundo o Ministério da Saúde do enclave, controlado pelo Hamas desde 2007.

'SITUAÇÃO É INCONCEBÍVEL'

A pasta afirma que mais da metade (70%) das vítimas são mulheres, crianças e adolescentes. A taxa de mortalidade infantil no enclave palestino no momento é desconhecida, observou a funcionária, acrescentando contudo que "é seguro dizer que as crianças estão morrendo agora por causa da crise humanitária no local, bem como por causa das bombas e balas."

Ingram, que falava do Omã e teria realizado uma recente visita à Faixa de Gaza, também descreveu encontros "desoladores" com mulheres presas no caos. A porta-voz contou a história de uma enfermeira chamada Webda, que disse ter feito cesarianas de emergência em seis mulheres mortas nas últimas oito semanas.

— As mães enfrentam desafios inimagináveis para acessar atendimento médico, nutrição e proteção adequados antes, durante e após o parto — denunciou, acrescentando: — A situação das grávidas e dos recém-nascidos na Faixa de Gaza é inconcebível e exige ações mais intensas e imediatas.

Gaza vive uma crise na saúde, com unidades suspendendo boa parte das atividades, além da falta de remédios, água e eletricidade. Metade dos hospitais está fora de serviço. Ingram disse que o hospital dos Emirados Árabes Unidos, em Rafah, no sul, agora atende a grande maioria das grávidas de Gaza.

— A equipe, em condições saturadas e com recursos limitados, é obrigada a dar alta às mães três horas após uma cesariana. Essas condições colocam as mães em risco de abortos, natimortos, partos prematuros, mortalidade materna e trauma emocional — diz.

||| ○ <